Fotografia, Educação e Pandemia[1]

Julianna Nascimento Torezani[2]
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

RESUMO

No período da pandemia foi preciso encontrar novos caminhos para o ensino e a aprendizagem da fotografia, quanto à teoria e prática. Este texto tem por objetivo relatar a experiência da disciplina Temas Selecionados em Fotografia, ofertada aos alunos de Comunicação Social da UESC, em 2020. Tem como referencial teórico as ideias de Araujo (2013), Barros (2017), Buitoni (2011), Fontcuberta (2014), Freire (1967; 1987), Silva Junior (2021), Sontag (2004), Sousa (2004) e Wanderlei (2018). As aulas foram desenvolvidas pela internet, através de plataformas virtuais, para encontros síncronos e disponibilização de material didático. Resultou numa experiência de compartilhar o cotidiano e os sentimentos durante a pandemia através da fotografia.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ensino Remoto; Experiência; Fotografia; Pandemia.

Considerações Iniciais: Educação e Ciência como práticas de resistência

No ano de 2020 ocorreram transformações sociais em função da pandemia causada pela COVID-19, sobretudo pela necessidade do distanciamento social, para conter a contaminação do vírus para que o sistema de saúde não entrasse em colapso. A área de educação precisou criar mudanças e adaptações para, aos poucos, encontrar formas e metodologias de ensino de forma não presencial através de plataformas virtuais pela internet, o que gerou novas atitudes e novos comportamentos diante deste cenário por parte dos professores e alunos. Partindo da perspectiva de educação de Paulo Freire, se buscou uma abordagem que pudesse tratar os temas necessários aquele momento, bem como com a devida participação dos alunos no processo

---

[1] Trabalho apresentado no GT "Fotografia e Educação".

[2] Professora do Curso de Comunicação Social (Rádio, Televisão e Internet) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus. Professora do MBA Cultura visual: fotografia e arte latino-americana da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestra em Cultura e Turismo e Bacharela em Comunicação Social pela UESC. E-mail: juliannatorezani@yahoo.com.br

dialógico. Para Freire (1967, p. 94), “a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude”.

O ensino de fotografia, especificamente da prática fotográfica (que envolve o uso de equipamentos, laboratório químico e estúdio) foi desafiador, visto que, em casa a maioria dos(as) alunos(as) não possuem câmeras e equipamentos de iluminação diversos. Assim, foi preciso encontrar um caminho para que o conteúdo referente ao estudo da fotografia pudesse ser compartilhado com os(as) discentes. Deste modo, este trabalho pretende fazer um relato sobre a experiência de ensino da disciplina optativa intitulada Temas Selecionados em Fotografia do Curso de Rádio, Televisão e Internet da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, na Bahia.

No momento do planejamento de tal disciplina surgiram vários questionamentos que se tornam os problemas desta investigação: Como ensinar conteúdos teórico-práticos de fotografia de forma remota? Com quais recursos tecnológicos? Quais assuntos devem ser tratados tendo em vista o contexto da pandemia? Guiados pelas ideias de Paulo Freire (1967, p. 95) que afirma que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Foi possível elaborar uma disciplina que atendesse a ementa de ter caráter panorâmico sobre a fotografia e, igualmente, atendesse as expectativas dos(as) estudantes neste cenário.

Importante situar que a pandemia causou não apenas uma crise sanitária, mas também uma crise política, econômica e social, acirrou sérios problemas existentes e criou outros. No Brasil, a forma como o governo federal tratou a pandemia foi com imenso descaso em relação: a gravidade da doença; o grande número de pessoas infectadas; as famílias enlutadas pelos parentes que faleceram da doença; e, as indicações das autoridades de saúde e dos pesquisadores sobre a prevenção. Os governos estaduais e municipais atuaram de distintas formas, entre cuidar da população ou seguir a falta de ações efetivas de cuidado, sobretudo da presidência da República.

Neste sentido, produzir conhecimento científico e valorizar a educação se tornam atos de resistência nesse cenário. De acordo com Freire (1987, p.

45), é necessário entender a “educação como prática da liberdade”. Dada a importância que a ciência e o ensino têm para a emancipação e a liberdade das pessoas, com respeito à diversidade cultural, em que a produção de textos, imagens e sons permitem expressar o que está acontecendo, bem como a percepção e a opinião de todos neste momento. Para Buitoni (2011, p. 8), “entender como a fotografia transformou a cultura humana é um passo na direção de utilizar a produção de visualidades como instrumento de educação, arte e mudança social”. Assim, o objetivo deste relato é apresentar como foi desenvolvida a disciplina de fotografia de forma remota no ano de 2020.

Ensino de Fotografia durante a Pandemia

Ensinar conteúdos teórico-práticos de fotografia de forma remota é partilhar uma experiência que envolve novas práticas de ensino e aprendizagem. Foram escolhidos as ferramentas do Google voltadas para à educação (entre outros usos), em que foi criada uma Sala de Aula Virtual no Google Classroom, nesta foram organizadas os temas que seriam tratados durante a disciplina que ocorreu de 6 de outubro a 26 de novembro de 2020, com dois encontros a cada semana com 3 horas e meia de duração, o que totalizou em uma disciplina de 60 horas, em uma oferta pela universidade chamada de Trimestre Letivo Excepcional. Através deste ambiente foi possível conectar os(as) 22 alunos(as) matriculados(as), colocar o material (como textos, imagens e sons) e dispor das atividades criadas a cada tema.

Além do Google Classroom, os encontros síncronos foram realizados pelo Google Meet que possibilita reuniões com a utilização dos recursos de microfone e câmera, para que os(as) participantes possam ver e ouvir todos os presentes nas aulas. Vale ressaltar que nem todos(as) os(as) alunos(as) se sentiram confortáveis para usar tais recursos, muitas vezes optando por participar através de um *chat* que a plataforma oferece. Além de necessitar de uma boa conexão de internet para dispor de tais recursos, na prática parte dos(as) alunos(as) tem banda larga para acesso a rede e outros usam pacote de dados de serviços de telefonia celular. Deste modo, foi possível participar

das aulas com computadores ou *smartphones*, em que estes também foram os equipamentos utilizados para fazer e editar as fotografias propostas.

Foram escolhidos seis temas para serem trabalhados neste período. A cada tema foram desenvolvidas três atividades: discussão de textos de autores que tratam dos temas; apresentação de obras fotográficas de profissionais da fotografia entre brasileiros e estrangeiros, feita pelos(as) alunos(as); produção fotográfica, em que para cada tema o(a) aluno(a) elaborava uma fotografia. Nas apresentações destas fotografias, os(as) alunos(as) falaram sobre como foi elaborado o registro e que aspecto do tema foi escolhido para tal composição, o que rendeu lindas e emocionantes exposições, colocando em prática a ação dialógica indicada por Freire (1967).

Ao desenvolver o primeiro tema intitulado “Onipresença das câmeras” teve por objetivo discutir sobre a sociedade da informação e a imensa quantidade de imagens que são produzidas na atualidade. Para tratar tal tema discutimos o texto “Na caverna de Platão”, capítulo do livro *Sobre Fotografia*, de Susan Sontag (2004). A autora indica que a fotografia é uma forma de interpretação do mundo em função da dissolução implacável do tempo, visto que “a onipresença de câmeras sugere, de forma persuasiva, que o tempo consiste em eventos interessantes, eventos dignos de ser fotografados” (SONTAG, 2004, p. 21). Nesta perspectiva, a fotografia pode ser vista como elemento de controle, objeto simbólico e fonte de informação, para além de outras possibilidades. Sontag escreve o texto originalmente em 1977 (utilizamos a tradução de 2004) e afirma que “hoje, tudo existe para terminar numa foto” (SONTAG, 2004, p. 35). E esse “hoje” se mantém, mais do que nunca ainda com as câmeras em telefones celulares e conectados em rede, o que traz praticidade e instantaneidade ao processo fotográfico. Foi escolhida a fotografia feita pela aluna Mariana Araújo de Almeida que aborda a forma como se sente em função da pandemia, criando um autorretrato em que pela pose de sufocamento e palavras que indicam o contexto, inclusive apontando o grave incêndio ocorrido no Pantanal, também em 2020 (Figura 1).

Figura 1 - *Escondendo-se na culpa.* Foto de Mariana Araújo de Almeida, 2020.

Fonte: Produção fotográfica do tema Onipresença das Câmeras.

Figura 2 - *Cronologia em 3x4*. Foto de Lara Luisa Farias Silva, 2020.

Fonte: Produção fotográfica do tema Fotografia e Memória.

O segundo tema tem como título “Fotografia e Memória” com o objetivo de discutir como a fotografia trata do passado, ao mesmo tem faz a conexão com o futuro e refletir sobre a memória dos(as) alunos(as) através de álbuns de família. O texto escolhido foi o artigo intitulado “Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção”, de Ana Taís Martins Portanova Barros (2017), que aborda que opera na fotografia a um só tempo preservar a memória e dar estrutura ao mundo. Quanto às imagens produzidas e compartilhadas na atualidade, é importante observar que a atualidade das publicações é efêmera, habitando um presente cada vez mais veloz e se tornando passado com grande facilidade. Para Barros (2017, p. 154), “o passado e a memória não se conservam; constroem-se”, visto que a experiência da fotografia acontece no presente do ser, em que a memória nunca está no passado porque sempre está em processo. “Para existir, mais do que um referente em frente à câmera, a fotografia exige um observador diante de si, observador esse que só poderá estar vivendo no seu momento presente” (BARROS, 2017, p. 154).

Neste sentido, as relações com quem fotografa e com quem vê as fotografias, constitui-se o fotográfico como imagem-ato, em que o tempo que é indicado na fotografia passa pela subjetividade do(a) fotógrafo(a) e do(a)

espectador(a). Nesta perspectiva e pelo estudo da obra de Rosângela Rennó, a aluna Lara Luisa Farias Silva elaborou um mosaico com fotografias em 3X4 de pessoas de várias gerações da sua família para abordar as questões de passado, presente e futuro na fotografa (Figura 2).

No terceiro tema abordamos o “Autorretrato” com o objetivo de discutir sobre a produção específica de imagens deste gênero. Através do artigo “O desejo de fotografias: Bayard e seu autorretrato de mentiras e bronze de verão”, de autoria de Camila Leite de Araújo (2013), foi possível discutir sobre desejo de criar fotografias, sobretudo pelas imagens poéticas do eu. Ao apresentar o primeiro autorretrato feito por Hippolyte Bayard, em 1840, na França, autora indica que a fotografia está livre para inventar e criar imagens do passado, do cotidiano e da subjetividade do sujeito. “As fotografias, desde então, continuaram a oscilar entre os pólos da expressão criativa e artística da realidade e sua documentação indicial” (ARAUJO, 2013, p. 14). Os(as) alunos(as) criaram autorretratos inusitados, também demonstrando suas percepções deste momento, a aluna Lis Alves Argollo elabora seu registro inspirada pelo estudo da obra da fotógrafa Francesca Woodman (Figura 3).

Figura 3 - *A outra metade de mim: shark nº 1.* Foto de Lis Alves Argollo, 2020.

Fonte: Produção fotográfica do tema Autorretrato.

Figura 4 - *Sequência desmascarada*. Foto de David Alexsander Santos Silva, 2020.

Fonte: Produção fotográfica do tema Imagens em tempos de pandemia.

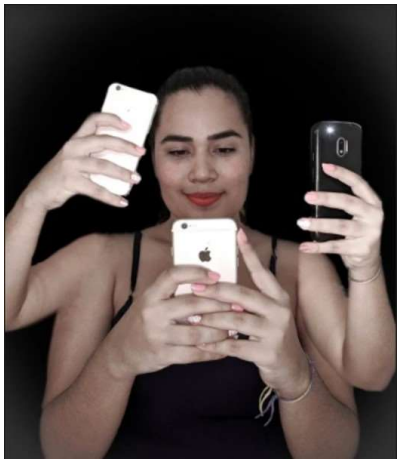
Para o quarto momento da disciplina foi escolhido o tema “Imagens em tempos de pandemia”, com o objetivo de observar o contexto que estamos vivenciando e, sobretudo, analisar as fotografias que estão sendo produzidas deste momento pelos gêneros do fotojornalismo e do fotodocumentarismo. Tratamos das imagens fotojornalísticas pelo livro *Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa,* de Jorge Pedro Sousa (2004, p. 12), quando afirma que “sensibilidade, capacidade de avaliar as situações e de pensar na melhor forma de fotografar, instinto, rapidez de reflexos e curiosidade são traços pessoais que qualquer fotojornalista deve possuir”. Todas essas características são necessárias para a cobertura de um tema tão difícil e delicado, pois trata da saúde das pessoas e de luto. Neste sentido, as imagens devem narrar o que está acontecendo e conscientizar as pessoas quanto à grave crise sanitária.

A fotografia documental, por sua vez, tem a função de interpretar a realidade e provocar a reflexão crítica do público. No livro *O trabalhador na fotografia documental,* de Ludimilla Wanderlei (2018, p. 38), trata que a fotografia documental é a “abordagem principalmente dos problemas sociais em que se destaca o papel dos fotógrafos como agentes de informação capazes de sensibilizar a opinião pública”. Pela fotografia, é possível ver como a pandemia atinge as pessoas: do ponto de vista sanitário pelos atendimentos médicos; do ponto de vista econômico pelo desemprego e pagamento do auxílio emergencial, entre outras ações; do ponto de vista político para indicar o tratamento dado ao problema, por um lado com descaso ao discurso científico, por outro lado, com o devido cuidado que a população requer pois trata da vida das pessoas. Assim, a “imagem se torna o artefato que permite acesso a realidades outras” (WANDERLEI, 2018, p. 54). A série de fotografias criada por David Alexsander Santos Silva faz uma crítica ao modo inadequado que muitas pessoas usavam e usam as máscaras, visto que é um dos equipamentos que serve para proteger as pessoas da contaminação pelo vírus.

A “Pós-fotografia” foi o quinto tema tratado com o objetivo de discutir o texto “Por um manifesto pós-fotográfico”, escrito por Joan Fontcuberta (2014), para tratar da ampliação da experiência visual que a tecnologia digital trouxe à

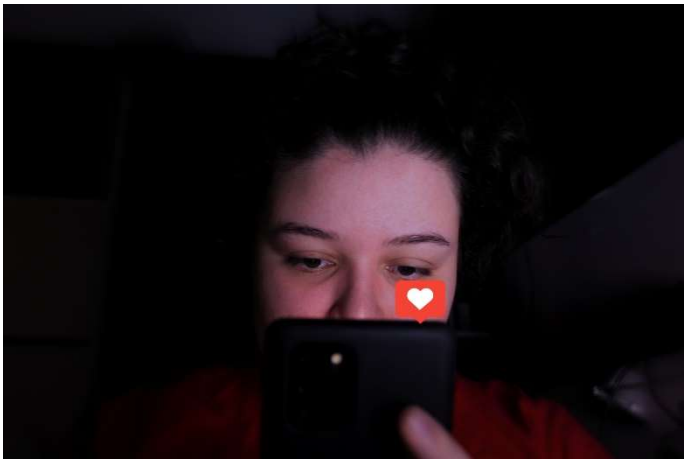
fotografia. “Isto nos imerge num mundo saturado de imagens: vivemos na imagem e a imagem nos vive e nos faz viver” (FONTCUBERTA, 2014). O autor trata do mundo saturado de imagens e que houve uma secularização da experiência visual em função dos novos dispositivos digitais, sobretudo por conta dos *smartphones,* e pelo espaço específico de ampla circulação de fotografias e vídeos pelas redes sociais digitais. “As fotos já não tomam recordações para guardar, mas mensagens para enviar e trocar: se convertem em puros gestos de comunicação” (FONTCUBERTA, 2014). Alice de Castro Farias elaborou uma imagem que apresenta estes aspectos do ponto de vista da forma e do conteúdo, visto que seu autorretrato traz o uso dos *smartphones* e a elaboração final da cena pela pós-produção digital.

Figura 5 – *A mulher secularizada.* Foto de Alice de Castro farias, 2020.



Fonte: Produção fotográfica do tema Pós-fotografia.

Figura 6 - *A parte que você não vê.* Foto de Beatriz Costa Farias, 2020.



Fonte: Produção fotográfica do tema Fotografia nas redes sociais.

O último tema tratado foi a “Fotografia nas Redes Sociais” com o objetivo de discutir o regime de visualidade contemporâneo que envolve a convergência entre fotografia, portabilidade e redes digitais. José Afonso da Silva Junior (2012) apresenta, em seu artigo “Da fotografia Expandida à Fotografia Desprendida: como o Instagram explica a crise da Kodak e vice-versa”, um “conceito de fotografia em redes, instantâneo, de circulação mundial e que cabe no bolso” (SILVA JUNIOR, 2012, p. 3). As imagens produzidas não são mais distribuídas em papel, mas circulam em redes pela participação dos

usuários, em que há mobilidade de captura, automação do tratamento e instantânea disponibilização das cenas nas plataformas virtuais. “Para a fotografia, circular é ter em conta a consideração a desmaterialização dos suportes, a flexibilização das ferramentas de tratamento da imagem e a amplificação dos canais de acesso da fotografia como produção simbólica” (SILVA JUNIOR, 2012, p. 4). Importante lembrar que as mudanças não ocorrem apenas por aspectos tecnológicos, mas também sociais, a sociedade muda e, com isso, sua forma de elaborar imagens pela reorientação da experiência de ver, consumir e distribuir imagens. A aluna Beatriz Costa Farias elaborou um autorretrato que bem traduz este tema, ao se colocar como um usuário das redes sociais diante das telas e a participação nestes espaços.

Considerações Finais: Produção Fotográfica, experiências e partilhas

Educar é transformar, pela educação adquirimos autonomia, emancipação e liberdade. Assim, pelo estudo e pela prática fotográfica é possível expressar os sentimentos e as opiniões sobre o que ocorre no mundo de maneira visual. Visto que a fotografia tem a função de ser comunicativa, informativa, educativa e reflexiva, é um discurso enunciado como um olhar específico e particular que deve ser dado a todos(as). Wanderlei (2018, p. 23) afirma que “a fotografia é um artefato que emociona, mobiliza, descreve, faz pensar”. Ao permitir a discussão sobre o que nos cerca, foi um instrumento importante para tratar o contexto da pandemia.

Deste modo, importante reforçar o pensamento de Freire (1987, p. 46) quando afirma que “a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham”. O repertório cultural de cada aluno(a), o que estavam vivenciando naquele momento e o conteúdo da disciplina permitiu criar imagens tão expressivas, repletas de sensações e intencionalidades. Os encontros para apresentação das fotografias foram experiências de muito aprendizado para todos(as), pois os(as) alunos(as) partilharam suas interpretações do momento, seus cotidianos e suas emoções.

Ao final de todas as apresentações das fotos decidimos fazer uma exposição virtual, intitulada *Entre Nós,* já que eles, neste exercício, abordaram suas vidas, que pode ser conferida no canal da TV UESC, pelo endereço https://www.youtube.com/watch?v=f9eq9Zu3a2I Vale ressaltar que muitas das imagens criadas foram autorretratos, indicando um gênero específico deste período, pela participação e presença que a autorrepresentação exige, além de mostrar o que está acontecendo, demonstrar o que está sentindo e, também, foi possível verificar que o lar se torna o espaço criativo neste momento.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Camila Leite de. O desejo de fotografias: Bayard e seu autorretrato de mentiras e bronze de verão. **Ícone**, v. 15 n.1, ago., 2013. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/230711 Acesso em: 04 mar. 2020.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Imagens do passado e do futuro: o papel da fotografia entre memória e projeção. **Matrizes,** São Paulo, v. 11, n. 1 jan./abr., 2017. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/122953 Acesso em: 05 set. 2020.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e Jornalismo:** a informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011. (Coleção: Introdução ao Jornalismo; v. 6).

FONTCUBERTA, Joan. Por um manifesto pós-fotográfico. **Studium,** Campinas, n. 36, jul. 2014. Disponível em: http://www.studium.iar.unicamp.br/36/7/index.html Acesso em: 20 ago. 2020

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SILVA JUNIOR, José Afonso. Da fotografia Expandida à Fotografia Desprendida: Como o Instagram Explica a Crise da Kodak e Vice-versa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXV, 2012, Fortaleza. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/r7-1704-1.pdf Acesso em: 30 mar. 2020.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo***:* introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

WANDERLEI, Ludimilla Carvalho. **O trabalhador na fotografia documental.** Curitiba: Appris, 2018.